

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
PAGAMENTO ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

A igreja do Convento da Franqueira

Como é do domínio publico, no Tribunal Judicial da comarca de Barcelos, corre seus termos um processo em que se pretende provar que a igreja do convento da Franqueira, é pertença particular, e bem que toda a gente de bem, *multo bem saiba* que a mesma é do Estado e portanto que é pertença dos bens cultus da fidejuezia de Pereira.

Quer-se provar que a igreja é do Snr. Carlos de Lima, demonstrando-se que a posse, se bem que até hoje não se tenha reclamado, é daquele senhor pelo simples motivo de ser o dono do Convento que comprára às Ex.^{mas} Snr.^{as} Vilaças e a chave da igreja ter estado entregue aos caseiros da Quinta.

Ora isto, e só isto, não é, nem será o bastante, porque toda a gente sabe que não havendo por ali ninguém mais, *absolutamente mais ninguém*, podia ficar com as respectivas chaves porque *ninguém mais* por ali tem residência que possa fazer tal favor.

Pergunta-se:

E' ou não verdade a igreja estar sempre exposta ao público logo que isso fôsse reclamado?

E' ou não verdade os devotos do Senhor da Fonte da Vida irem ali em constantes romagens e deixarem lá promessas em azeite, cera e dinheiro, deitando este na respectiva caixa de esmolas?

Tudo isto não provará que a igreja tem estado e está entregue ao culto público?

Estamos certos de que a verdade se esclarecerá e o *dedo de Deus* apontará o respectivo desideratum.

E' o que se espera.

Deus não dorme.

Breve, mas muito breve, o tal processo vai terminar cá na comarca e só então veremos para que lado a Justiça penderá.

Fra Casil.

UM BOCADO DE ARQUEOLOGIA

Divisão dos tempos prehistóricos

Estações prehistóricas

Os tempos prehistóricos têm sido classificados por diversos modos, atendendo-se à fauna das diferentes épocas, ao estado da indústria, etc.

A divisão mais geralmente adoptada, é a que em seguida apresentamos:

Idade da pedra e idade dos metais.

A *idade da pedra* compreende dois períodos principais: o da *pedra lascada* ou *paleolítico* e o da *pedra polida* ou *neolítico*.

A *idade dos metais* divide-se em: período do *bronze*, e período do *ferro*.

Pensam alguns que, antes do período do *bronze*, teria havido outro de *cobre*, não só porque hão sido encontrados em alguns pontos objectos de *cobre*, como também porque sendo o *bronze* uma liga daquêlles metal e do estanho, e sendo êste mais raro e de mais difficil extracção, era natural que os povos da Antiguidade, antes de utilizarem o *bronze*, tivessem ensaiado em larga escala o *cobre*.

Muitos arqueólogos negam-se a admitir a *época do cobre* pelo facto de se terem encontrado em quasi todas as nações da Europa muitos objectos de *bronze* e rarisimas vezes os de *cobre*.

A divisão dos tempos prehistóricos atraz apontada não é absoluta porque não são condições comuns a todos os povos.

Embora não houvesse uma época do *cobre* bem caracterizada, é natural que alguns povos ricos em ruínas dêste metal a tivessem.

Povos terá havido a percorrerem sucessivamente as quatro épocas (pedra, cobre, bronze e ferro), enquanto outros atravessaram só três (pedra, cobre e ferro), sem passar pelo bronze.

Que houve período de cobre para alguns habitantes, é inegável.

Não se pode admitir que um povo passasse imediatamente da pedra para o bronze, sem que outro tivesse empregado o cobre, aprendesse em seguida a fabricar bronze, e lhe ensinasse depois êsse fabrico.



Nossa Senhora da Franqueira

Estações prehistóricas—São os diferentes terrenos e construções químicas, onde se encontram objectos prehistóricos.

Entre elas notam-se: as cavernas, os túmulos, as habitações lacustres ou palafitas, as terramares, etc.

Cavernas—*Habitações lacustres*—*Cavernas*—Está hoje assente que a primeira habitação do homem foi a *caverna*, sendo esta ainda habitada actualmente por alguns povos selvagens.

Ossos de animais de diversas espécies e produtos de indústria, exprimindo diferentes graus de civilização, que se acharam naquêlles abrigos naturais, provam evidentemente que elles foram utilizados em diferentes épocas.

Depois que o homem foi abandonando o domicilio da caverna, as primeiras habitações que construiu imitavam êste rústico abrigo.

Os túmulos, os dolmens, etc., dão ideia mais ou menos semelhante dequêlles antros naturais.

Habitações lacustres—O homem viveu também em habitações construídas sobre estacarias, nos lagos. Estas habitações denominam-se *habitações lacustres* ou *palafitas*.

Nos lagos da Suíça é aonde se têm encontrado mais destas estacarias.

Monumentos megalíticos.

Chamam-se *monumentos megalíticos* ou *megalitos*, em geral, aos que foram rudemente fabricados com grandes pedras e que ainda há pouco se atribuíam aos Celtas.

Menbirs—De *meu* (pedra), e *hir* (longo), consistem em uma pedra alongada assente ou cravada verticalmente no terreno.

Umaz vezes a pedra tem a mesma grossura em toda a extensão e altura.

A altura acima do solo varia geralmente de 2 a oito metros.

Alinhamentos—São formados por *menbirs* dispostos em linha recta ou em linhas paralelas. Geralmente seguem a direcção N. S. ou E. O.

Também se têm encontrado alinhamentos procurados por trincheiras ou possos, mas são raros.

Dolmens — Uma pedra larga, chata ou levemente arredondada, colocada horizontal ou obliquamente sobre três ou mais pedras a prumo: eis um dolmen.

E' este o megalitho que se tem encontrado em Portugal e ainda actualmente existem em pé no país, onde se lhes dá também o nome de *antas*.

Tímulos — Consistem em um recinto central onde se eleva um dolmen, que está coberto de terra por todos os lados, formando montículos artificiais.

Um corredor de pedras comunica o interior com o recinto central.

Estas construções eram destinadas à sepultura dos cadáveres que geralmente se colocavam sentados, com os braços cruzados no peito, e joelhos à altura da cara.

Encostavam-se às paredes do recinto, pondo-se junto dos defuntos os machados, objectos de adorno, e outros instrumentos que lhes pertencessem.

Tôdas as armas do finado eram depositadas junto do cadáver. Também se colocavam, às vezes, vasos de barro rudemente fabricados.

Idade da pedra — Esta idade define a época em que homem, provido de poucos recursos, utilizou a pedra para fabricar os diversos instrumentos de que necessitava: *machado, facas, furadores, pontas de frecha*, etc.

Primeiro estes instrumentos eram fabricados simplesmente de pedra lascada, de forma bem têsca, porém mais com o desenvolvimento progressivo do homem habilitou-o a polir a pedra apresentando os instrumentos mais perfeitos.

Idade dos metais — A idade destes metais divide-se em dois períodos: o do bronze e o do ferro.

Período do bronze — O homem começou por enfeitar-se. O bronze primitivamente empregado obtinha-se pela fusão de minérios de estanho e cobre. Parece que o bronze foi só generalizado na Europa por uma raça asiática.

Os diferentes instrumentos de bronze que se têm encontrado, são: *machados, pontas de lança, facas, punhais, espadas, serrotes, colares, braceletes, argolas, pentes, alfinetes de cabeça e navalhas de barba*.

Período do ferro — Este período entra quasi todo no domínio da História.

Assim como a idade da pedra invadiu a'ê certo ponto a idade do bronze, assim também esta idade penetrou numa certa medida na idade do ferro.

A transição fez-se gradualmente. Pouco se pode dizer sobre o período do ferro.

Os objectos a que mais se applicou a indústria do ferro foram: *braceletes, colares, fibulas, punhais e espadas*.

As fibulas foram o objecto mais característico e mais vulgar da primeira idade do ferro.

O pouco que deixamos dito d'êste emaranhado assunto, embora resumidamente, é o bastante para os curiosos se entreterem, se quiserem, porque os sábios nem para isto olham porque já sabem.

Fra Casil.

Carta de Barcelos

O nosso Prior P.e Joaquim Gaijas trabalha para dentro em breve o batalhão dos escuteiros desta cidade se ponha novamente em actividade.

—Encontram-se nesta cidade, em férias do Natal, os acadêmicos que frequentam as diferentes escolas do País.

—Não é, como se annunciou, por enquanto inaugurado no Teatro Gil Vicente o Cinema Sonoro.

—Devido à grande crise que se atravessa têm paralizado certas indústrias cá na cidade.

—No círculo Católico Operário têm havido interessantes conferências, promovidas pelo seu grande patrono P.e Bunifácio Lamaia.—C.

Uma carta

Porto, 16 de Dezembro de 1932

Ex.^{mo} Sr. Director dos «Ecos da Franqueira», Carvalho.

Publica o semanário da superior direcção de V. Ex.^a, nos seus números 14 e 15, assinados pelo pseudónimo Fra Casil, dois artigos que se referem à Igreja ou capela do Convento da Franqueira, cuja posse está em litigio nos Tribunais de Barcelos, motivo bastante para que uma natural discreção estorvasse a imprensa de discutir a causa, trazendo a publico só os documentos que conveem ao articulista e que pertencem ao processo.

Desde, porém, que tal preceito foi posto de parte, socorrendo-me das disposições da lei, e, melhor, ainda, da lealdade e correção de V. Ex.^a, venho rogar-lhe o penhorante obsequio de fazer inserir a proposito no proximo número do seu interessante jornal alguns esclarecimentos, porque desejo ser poupado a apreciações menos lisonjeiras provenientes de insinuações desprimorosas para o meu caracter ao qual repugna a apropriação do que me não pertence, litigando na questão presente por direitos que entendo me assistem, mas que, em todo o caso estão sujeitos à decisão dos julgadores.

Assim, passo a explicar:

1.^o—Adquiri a quinta e convento da Franqueira com igreja anexa, capelas, etc. porque tudo isso me foi oferecido pelo vendedor (documento do processo) que tinha de *tudo a posse incontestada e interrupta* à perto de um seculo;

2.^o—A circumstancia de se corrigir a descrição de predios dá-se com frequencia relativa, principalmente decorrendo longos prazos e neste caso era indispensavel e legal para o registo se harmonizar com a escritura;

3.^o—Achando-se no acto da transação em notavel mau estado do edificio da igreja tratei desde logo, antes mesmo de reparar, como era urgente, a casa de habitação, de proceder nela a obras dispendiosas, *só por insupportabilis*, como dono, o que mereceu ao Ex.^{mo} Senhor Arcebispo da Diocese, há pouco falecido referencias elogiosas que por Sua Ex.^a me foram pessoalmente transmitidas, e, circumstancia curiosa, só depois de devidamente reparada é que se contesta a sua posse particular;

4.^o—Os Tribunais apreciarão a legalidade do arrolamento e os espeeciados motivos que o determinarão.

Concluindo, consente-me V. Ex.^a formular uma pergunta:

Não seria melhor applicado o talento jornalístico na propaganda de melhoramentos materiais de que tanto carecem alguns templos do culto publico pertencentes à Diocese do que desperdiça-lo no empenho de desapossar aqueles que, na melhor boa fé, adquiriram?

Reconhecido a V. Ex.^a pela publicação destas linhas subcrevo-me respeitosamente

Carlos de Lima



O Evangelho

«Depois que foram cumpridos os oito dias, para ser circuncidado o Menino, foi-lhe pôsto o nome de Jesus, como o havia chamado o Anjo antes que fôsse concebido no ventre de sua mãe».

A circuncisão espiritual

Depois que foram cumpridos os oito dias, para ser circuncidado o Menino.

Devemos agradecer muito a Nosso Senhor o sofrer êle a cicatriz dolorosa da circuncisão, e mudá-la para nós na doçura do santo Baptismo e na amorável circuncisão do espirito. É esta a razão porque S. Paulo afirma

que somos circuncidados em Cristo, com uma circuncisão que não é feita pela mão do homem, e que não consiste no golpe dum corpo carnal, mas que é instituída pelo Salvador, sendo amortalhados com Ele pelo Baptismo.

Consideremos: 1.^o, em que consiste esta circuncisão espiritual; 2.^o, como é necessária; 3.^o, como se põe em prática.

I.—Noção desta circuncisão espiritual.

Consiste na mortificação do espirito e do coração, isto é, no afastamento dos pensamentos carnaes e mundanos, desejos desregrados e culpáveis, afeições ilícitas e criminosas, inclinações viciosas e perversas, e fugida das ocasiões perigosas.

E', portanto, uma renúncia a tudo o que é pecado, ou que pode conduzir ao pecado. E' a guerra declarada às paixões, à tríplice concupiscência, ao orgulho, à cubiça, à voluptuosidade; é a morte de nós mesmos; é o despojamento do *velho homem*, como diz S. Paulo, e o revestimento do *homem novo*; é a violência sobre nós próprios, de que fala o

Evangelho, praticada em tôdas as coisas, para evitar tudo o que desagrade a Deus, e praticar só o que lhe agrada, observar perfeitamente os seus Mandamentos e os da Igreja.

Por aqui vemos já tudo o que abrange esta circuncisão espiritual, e quanto é precisa.

II.—Necessidade da circuncisão espiritual.

Era precisa a circuncisão carnal para ser considerado filho de Abraão, pertencer ao povo de Deus e ter parte nas divinas promessas.

Ora não é menos precisa a circuncisão espiritual para sermos filhos de Deus, discípulos de Jesus Cristo, participar das suas graças e alcançar o céu.

Nosso Senhor no-la preceitua absolutamente: *Se alguém quiser vir após de mim, renuncie a si mesmo. O reino dos céus alcança-se pela violência. Aquêles que são de Cristo, diz o Apóstolo, crucificaram a carne com seus vícios e concupiscências.* E' por esta ra-

VARIEDADES

ção que a Igreja, antes de conferir o baptismo, pergunta: *Renuncias a Satanás, a todas as suas obras e vaidades?*

E' indispensável para a salvação esta circuncisão espiritual. Todo aquêl que se quiser salvar, tem de destruir tudo o que nele é fonte de pecado e risco de condenação; deve ir até à raíz...

E todas as paixões más do coração, todas as inclinações depravadas, todos os desejos perversos, conduzem ao pecado, separam-nos de Deus, prendem-nos a Satanaz; portanto, é preciso cortá-los, sob pena de sermos reprovados por Deus. Sem isso, será inútil o baptismo, e tornar-nos hemos mais criminosos que os pagãos.

Enquanto vivermos na terra, temos de combater os inimigos da nossa alma, o demónio, o mundo, a carne, as paixões: *E' um combate a vida do homem sobre a terra.* E em semelhante guerra, quem vencerá? O homem corajoso que se faz violência, que vigia e que reza, e que utiliza dignamente as armas que Deus lhe colocou nas mãos: *Vigiai e orai. Ninguém será coroado, se não combater legitimamente.* E combater é mortificar-se, despojar-se, abster-se.

Antes de passar o Jordão, fez Josué circuncidar todos os filhos de Israel que o não tinham sido no deserto, não podendo nenhum entrar na terra prometida sem este sinal da divina aliança. Igualmente, nunca cristão entrará no céu, a verdadeira terra prometida, sem a circuncisão espiritual, que é o sinal dos verdadeiros discípulos de Jesus crucificado.

Ai de nós! a quantos cristãos se poderia dirigir a áspera censura de Santo Estêvam aos judeus: *O incircunciso de coração, resistes sempre ao Espírito Santo!* Corações tibios, azedados, orgulhosos, escravos de todas as más paixões, de todos os vícios! Ah! Desprezais a circuncisão espiritual, nunca se mortificaram cristãmente, nunca exerceram a obediência, a moderação, o vencimento próprio... Tendo recusado mortificar-se com Jesus, como é que se atrevem a julgar-se com direito à Pátria celestial?

Cristãos: compreendeis agora a necessidade e a prática desta circuncisão espiritual, sem a qual não há para vós nem santidade, nem salvação, nem Paraizo. Pedi a Nosso Senhor que vos ajude e sêde fiéis até ao fim. Que o espectáculo do que fazem e sofrem os mundanos, para satisfazerem a tirania do mundo e captar os seus favores, vos encorage e estimule a sofrer e a mortificar por Deus e pelo céu; era com esta consideração que S. Paulo animava os fiéis de Corinta: *O que agora é para nós uma tribulação momentânea e ligeira, produz em nós um peso eterno duma sublime e incomparável glória* (II, c. IV, v. 17). Assim seja.

Calendário da Semana

JANEIRO

- 1 Domingo. Circuncisão de Nosso Senhor.
- 2 Segunda. Santíssimo Nome de Jesus.
- 3 Terça. Santa Genoveva, Virgem.
- 4 Quarta. Oitava dos Santos Inocentes.
- 5 Quinta. S. Telésforo, Papa e Mártir.
- 6 Sexta. Epifania de Nosso Senhor.
- 7 Sábado. S. Luciano, Mártir.

A raposa que dorme não apanha galinhas.

AGUAROLA

Cantando versos através do atalho,
Fui ver, no asan do campo, os lavradores,
E trouxe nos meus pés gôtas de orvalho,
E trouxe nas minhas mãos ramos de flores.

Subi o outeiro além, absorta e calma,
A ver se descobria, ao longe, o mar,
E enchi de luz e versos a minh'alma,
E enchi de sol e azul o meu olhar.

Encheu-se de esperança e de ideal!
Meu pobre coração todo em ruínas!...
E' que há um contágio estranho, espiritual,
Na imensa e verde paz destas campinas!

Oh! não há nada, não, que mais console
Do que este grande quadro encantador!
Que vastos milheirais loiros de sol
A quererem-se dar ao lavrador!...

As longas folhas — lenços a esvoaçar
Dizendo adeus ao campo e ao sol talvez, —
Têm crispções de braços a acenar
Chamando a si a foice e o camponez.

Esguios choupos que erguem, em revolta,
Nos longos braços vides flutuantes,
Cercando os milheirais em toda a volta
Lembram lendários cercos de gigantes!

Lembram donzelas, junto do seu par
Dando-se as mãos, no fim da desfolhada,
Das nossas airas brancas de luar,
Dançando em roda até à madrugada!...

E a completar o quadro, que seduz
Vão-se esbater num fundo azul celeste
Soberbos pinheirais com sombra e luz,
Com rosmaninho e urze, e mel silvestre.

Abençoada seja a minha aldeia
Que cheira a vinho, a herva, a pão e a sol,
Onde é até mais branca a lua-cheia
E mais suave a voz do rouxinol!...

Maria Augusta S. Nogueira.

PARA MEDITAR

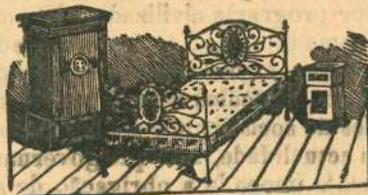
Cuidar do pão é necessário, mas cultivar o espirito não o é menos.

Há muita ocasião de gastar um escudo, mas há poucas de o ganhar.

Estulto será o que julga que os horizontes da vida não vão além do que os olhos vêem.

ENIGMA PITORESCO (*)

A + A
DA + LI
1001
TA
SUS 1933 SUS



EXE

JA
A
A A
A A A
A B O A A

Lebricho.

(*) NOTA — No segundo cliché, só a cama é que entra na leitura do enigma.

UMA CARTA (*)

(Alheia à letra o)

Avintes, 3 d'Abril da era presente

Meu pai

Recebi a sua mui apreciada carta, que estimei, e que circunstâncias especiais me levaram a que deixasse de apressadamente lhe vir agradecer.

E'-me bastante agradável a afabilidade revelada para me manifestar a alegria que sente em sua alma, de uma maneira que me cativa singularmente.

E' natural que um pai se manifeste assim perante aquêl que lhe deve a existência, mas, infelizmente, as referencias feitas pelas gazetas indicadas, deixam bastante a desejar, em virtude de discreparem da realidade. A imprensa nem sempre é sincera em suas censuras, da mesma maneira que nas suas amabilidades.

Sei perfeitamente a insignificancia da minha intelligencia, para que deixe de acreditar nas bajulices a mim dirigidas.

Perante aquela grande alma que desapareceu dentre a humanidade, nada mais fiz que cumprir um dever de camaradagem, e bastante desagradável me seria deixar de tal satisfazer.

Limitei-me a dizer quasi nada, em virtude de quasi nada saber dizer.

Relativamente às referências que em sua carta faz a Clemente e traquinas Henrique, ficam-me gravadas na mente.

Seguem meus parabens para a Clemente, e tenha fé em Deus, que Ele permitirá que Henrique, esse terrível estraga-albardas se restabeleça em breve.

As belas au ências feitas à sua intelligencia, calaram em mim e creia que da minha parte, nunca deixarei de lhe prestar a minha ajuda para que ele chegue a ser alguém; assim ele a saiba merecer.

Sem mais nada para lhe dizer, vai terminar quem lhe deseja muita saúde e lhe pede para sempre dispensar a sua paternal amizade, aquele que se assina, em vez de

Ezequiel Fernandes Pimentel
Lebricho.

(*) Nota — Vidé a publicada no número anterior

Secção charadística

A solução da Digressão Geográfica publicada no n.º 51, é *Caminha*.

ADIVINHA

Vem dos lados do Oriente
Para dar nos bons momentos,
Pelo que sofre tormentos
Que matariam a gente
E mau nome há-de colber
Quem de cêdo, não tiver
O seu gôso complacente.

CHARADAS

EM VERSO

Aborreço as companhias, — 1
Faço o que faz o dinheiro; — 2
Aos que de mim necessitam,
Sempre dou prazer inteiro.

Serrano.

EM FRASE

1.ª — Nunca! é má a fortuna para o homem — 2.3.
O Miudinho
(Braga)

EM FRASE

2.ª Pronuncie esta nota musical, fale.
Assim evita o cansaço. 1-2
Josefina.

SINCOPADA

(por sílabas)

— Aquela senhora é minha parenta. — 3-2.
Orquídea.

AUMENTATIVA

— Este instrumento alimenta o homem — 1.
Alice.

ELÉCTRICA

— Numa cidade portuguesa usa-se uma linda saudação — 2.
Serrano.

NOTA ALEGRE

Num hotel:

São sete horas da manhã e um viajante toca a campainha do seu quarto.

— Que deseja V. Ex.ª? pergantou o criado.

— Agua quente.

O criado sai para o corredor e grita:

— Agua quente para o n.º 11.

E responde a voz aflautada de Simplicio:

— Já a tem no quarto. Eu mesmo a puz lá ontem à noite.

Crónica da Semana

Fim de ano e ano novo. — Aqui estamos nós como quem se encontra ao cimo de uma ladeira

e volta os olhos para o caminho andado. Que nos terá acontecido nesta escabrosa subida do ano de 1932? Todos nós temos que contar, porque ninguém, certamente deixou de tropeçar nas pedras do caminho e de sentir as dificuldades da ascensão.

O ano de 1932 não foi bom. É certo que uma certa paz deixou trabalhar livremente a nação, e que, sob o ponto de vista espiritual, não houve contrariedades de maior, antes a religião se desenvolveu e radicou. Mas sob o ponto de vista económico todos nós sofremos os males da pavorosa crise que o mundo atravessa e cujas conseqüências atingem as mais pequenas minudências da vida. Mesmo sob o ponto de vista produtivo o ano findo deixou muito a desejar, agravando com a escacez dos géneros alimentícios aquela crise.

Isto, cremos nós, o que todos estão vendo do alto da ladeira do monte ingreme e pedregoso do ano de 1932, a que acabamos de chegar.

E o que é que se disfruta do alto desse monte para futuro? O ano que principia de 1933. Serão desafogados os horisontes que estão sob os nossos olhos? E' sorridente a perspectiva que nos oferece o alvorecer do novo ano? Que nos espera?

Ora aqui estão umas perguntas, que naturalmente nos vêm aos lábios, mas para que não pode haver resposta certa, definida, satisfatória. A verdade é que o ano de 1933 há-de ser o que Deus quizer. Isto é que é um principio sobre o qual não há contradição. Sendo

DOCTRINA

O 1.º Mandamento diz-nos o seguinte: «Adorarás ao Senhor, teu Deus, e a Ele só servirás».

O que é adorar a Deus? Tomando esta expressão no sentido mais lato, é tributar-lhe todo o culto que lhe é devido, reconhecendo-o pelo que é, com uma homenagem correspondente às suas divinas perfeições.

E assim, sendo Deus verdade suprema e infalível, devemos adorá-lo com a fé, sujeitando o nosso entendimento a crer todas as verdades que revelou, apesar de obscuras e incompreensíveis. Sendo Deus a mesma bondade, devemos adorá-lo com a esperança, pondo toda a nossa confiança nêle até mesmo nos casos de maior adversidade. Sendo Deus infinitamente amável devemos adorá-lo com a caridade, consagrando-lhe todo o nosso coração e todos os nossos afectos. Sendo Deus o nosso primeiro principio e o nosso último fim, devemos adorá-lo com a religião, prestando-lhe um culto, pio, fervoroso, em tudo digno dêle.

A obra notável dos missionários francezes

Um dos trabalhos de publicidade editados sobre a Exposição Colonial de Paris, mostra-nos eloquentemente, quanto é notável a obra dos missionários, desses apóstolos da Caridade, heróis que se escondem pelas plagas de África, Asia e Oceania, espalhando o bem, educando e civilizando.

A França regista com orgulho a eloquência dos números que se referem à acção das ordens religiosas nas suas colónias, através das obras que aquelas fundaram e sustentam:

Igrejas e capelas, 8 832; escolas primárias, 2.806, com 217.487 alunos.
Seminários 34, com 1714 alunos.
Hospitais 131, com 380.326 doentes.
Dispensários 304, com consultas, 3.552.665.
Orfanatos 351, com 20 237 orfanças.
Asilos 57, com 5.279 velhos.
Leprosarias 29, com 3.134 leprosos.

assim, como não pode deixar de ser, da nossa parte depende muito o preparar o modo de ser dos doze meses que nos esperam.

Deus é o supremo senhor dos tempos e dos acontecimentos.

Dêle depende o curso da humanidade.

Nas mãos dêle está a trajectória do mundo. Qual o nosso primeiro dever ac entrarmos no novo ano? Pôrmo-nos inteiramente na subordinação de Deus, confiarmos plenamente nêle. Tornarmos a nossa vontade quanto possível à vontade dêle. Assim remaremos de encontro às dificuldades com a certeza de que Deus está connosco.

Em segundo lugar como todos nós em qualquer situação que estejamos temos obrigações a cumprir, seja o nosso principal cuidado o cumprimento do dever.

Seja esta a estrada fixa que oriente os nossos passos e estimule o avanço da nossa existência. Com o dever cumprido teremos a alegria da vida por mais tristes que decorram os dias; teremos a paz da consciência, que é um bem inegalável; teremos a garantia de estar com Deus, que é a maior felicidade da terra.

Com êste programa entremos afoutamente no ano de 1933. Por mais carrancudos que estejam os horisontes o sol há-de triunfar da névoa espessa, e os dozes meses que nos esperam, decorrerão na maior paz e na mais sólida confiança.

*

Casas baratas. — Nas últimas declarações do Sr. presidente do Ministério, fez-se a afirmação de que o governo pensa em destinar alguns milhares de contos à construção de casas higiénicas para operários. E' o começo da enfrentação do problema social, que nos nossos dias está tomando uma acuidade alarmante. A medida visa desde já os grandes meios populosos, onde a falta de casas modestas é mais sensível.

Ora aqui está uma noticia que se tiver a dita de passar ao campo das realidades práticas, é de um alcance humanitário, digno dos melhores encómios. É de uma necessidade e urgência imensa a resolução dêste grave problema. E' indispensável que os poderes públicos tomem conhecimento directo, real, efectivo, das deploráveis condições em que os menos favorecidos da fortuna vivem, habitando casas insalubres, sem ar, nem luz, muitas vezes numa acumulação forçada, e imoral, que é um atentado permanente contra a dignidade dos povos.

O progresso e a civilização não devem consistir apenas no rasgar de largas avenidas e na construção de edificios aparatosos. Bairros sádios, para gente humilde, fazem parte do melhor programa civilizador. E' uma vergonha, é uma injustiça, é uma crueldade obrigar os pobres a viverem em mansardas infectas ou em cubículos sem ar nem luz.

A questão social impõe-se, é o grande problema da actualidade. Aos que governam mais directamente impende a obrigação de a solucionar, porque tem de olhar e providenciar pelo bem da comunidade.

Folgarmos com a noticia de construção de casas baratas. Era um beneficio extraordinario para as classes trabalhadoras. Deus queira que não fique apenas em simples projectos.

*

Autoridade moral. Não falta quem diga mal da sociedade e se queixe de que tudo corre cada vez pior. O que falta é quem, reconhecendo o desvio que as coisas levam e o perigo para que avancem arrepiar caminho, sustentar a marcha ruinosa, e fazer enveredar pelos rectos principios.

Quem é que se há de sentir com enverga-

dura para tanto? Primeiramente aqueles que só sabem dizer mal do curso que a sociedade em

geral está seguindo e que é necessário corrigir, modificar, informar em novos moldes. Se conhecem o mal devem evitá-lo e praticar o bem. Além de lógico é um dever de consciência imperioso. E procedendo assim adquirem a autoridade moral, que lhes dá prestigio e os impõe à consideração e ao bom acolhimento dos seus semelhantes.

Em segundo lugar aqueles que, ouvindo falar do desregramento da sociedade, prestam adesão a essas ideias, concordam, embora não protestem. Se reconhecem que o mundo vai mal, o melhor que têm a fazer é não se deixarem levar na onda; resistir e enveredar pelo bom caminho. E fazendo assim conquistam autoridade moral, que serve de exemplo e estímulo para atrair outros para a mesma orientação.

Em terceiro lugar... somos todos nós os que andamos na luta contra os erros, os vícios, as loucuras da humanidade e na faina de semear verdades sãs e uma disciplina rectilínea. Para isto carecemos apenas um grande argumento: a autoridade moral. Com ela o nosso esforço não será improficuo, a nossa actividade não ficará estéril. Muitos virão para nós e o mundo há-de ir recompondo-se, abrindo os olhos à luz, avançando para o bom destino.

E aí está como a resolução de um grande problema pode reduzir-se a uma pequena fórmula. A simples autoridade moral, que cada um de nós, que todos nós, tivéssemos, a valer, daria uma volta salutar à sociedade.

Agulhas e alfinetes

Os cigarros foram inventados em 1832, ou seja há um século. Foi um soldado egipcio que na guerra contra os turcos, tendo perdido o cachimbo, apanhou um bocado de papel e enrolou nele o tabaco para fumar. As primeiras fabricas de cigarros feitos abriram em 1868.

*

As árvores andas ou japonesas obtêm-se fazendo germinar as sementes em vasos pequenitimos e deixando-as estar naldas até que as raizes tenham absorvido quasi todos os principios nutritivos; depois transplantam-se para vasos ligeiramente maiores onde se deixam de novo até esgotarem a terra, de anos a anos, contrariando sempre as árvores que, mal alimentadas, ficam andas, chegando a atingir 150 anos, não atingindo no entanto mais que meio metro de altura e 4 a 7 centímetros de diâmetro. Nem todas as árvores se prestam a estas torturas. As mais resistentes são o Pinus japónica e o Pinus densiflora.

*

A águia fulva ou águia real, que na idade adulta tem uma plumagem cor de chocolate, amarelada para as patas e avermelhada na região posterior da cabeça, mede aproximadamente um metro, e tem por pátria uma vasta região que compreende toda a Europa, o norte da Asia e o norte da América. E' muito comum na Suíça, nos Pirineus e nos Alpes francezes. Diz-se que nos stepes da Rússia faz o seu ninho mesmo sobre o chão, mas na Europa localiza-os em logares inacessíveis, nos rochedos mais abruptos ou no cimo das mais altas árvores. Este ninho chega a medir dois metros de diâmetro e é formado de ramos, raizes e ervas secas.

*

As agatas são constituídas por uma mistura de silica amorfa e de silica cristalizada: foram muito estimadas pelos antigos que as empregavam na arte e em joalheria.